Numero avulso, 20 reis — GUIMARÃES, DOMINGO 22 DE SETEMBRO DE 1911 — 1.º Anno — Numero 7

A JUSTIÇA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA "JUSTIÇA,,

SEMANARIO DEMOCRATICO VIMARANENSE

Redacção e Administração: Rua de Camões 20 — Editor e Director ANTONIO DA SILVA CARVALHO — Composição e impressão: Typographia GUISE

A NOSSA ATTITUDE

Dissemos no supplemento ao n.º 6 do nosso semanario que a sua publicação havia sido suspensa por nossa livre e expontanea vontade.

Com effeito assim foi, apesar de alguem mal intencionado ter querido insinuar que nós fomos obrigados ao silencio.

Fomos nós que voluntariamente resolvemos essa suspensão, porque assim julgamos servir os interesses da Patria que, apparecendo de subito invadido por uma horda de aventureiros, reclamava que para ella se voltassem todas as attenções e todos os cuidados dos portuguezes.

Assim, e porque não temos ambições pessoaes, nem ainda o defeito da vaidade bateu á nossa porta, nós não hesitamos em depor a pena e com ella a differença que existe entre o nosso modo de ser republicanos e o dos nossos adversarios politicos, para no momento opportuno tomarmos armas conjunctamente com elles e com elles corrermos ao ponto onde a Patria mais precisasse dos nossos serviços e do nosso sangue.

Não o comprehenderam, porem alguns dos nossos intransigentes adversarios assim e tomando a calumnia como arma offensiva, diziam que nós fomos obrigados a calarmo-nos, uns e que nós nos calamos com medo, outros.

Nem uma coisa, nem outra.

O motivo do nosso silencio de duas semanas fica explicado.

Não foi preciso o nosso esforço a nossa boa vontade de servir a Patria e porisso cá estamos de novo no nosso posto d'honra, pugnando pelo bem estar dos nossos concidadãos.

Aos nossos queridos assignantes ficamos devedores de dois numeros do jornal de que opportunamente os compensaremos.

E de olhos fitos no horisonte da Liberdade, sigamos a estrella que o seu caminho nos indica, como outr'óra aos Magos o caminho de Belem de Judá.

Republica e Religião

Parece que no entender d'alguns republicanos, para se ser bom cidadão da Republica Portugueza, para se poder satisfazer os preceitos da Democracia implantada ha um anno no nosso paiz. é obrigatoriamente indispensavel ser anti-catholico, odiar os padres, quer elles sejam bons ou maus, e hostilisar a egreja catholica, desacatando-a ainda no que ella tem de mais respeitavel e sagrado.

Não sabemos nem podemos atinar com as razões que os levam a pensar assim, mas parece-nos poder affirmar que se illudem a si proprios os que julgam a religião catholica facilmente destruivel e os que dizem ser preciso exterminal-a para a Republica prosperar.

O catholicismo está fortemente arreigado n'uma consideravel maior parte da população portugueza, e o nosso povo que adora a religião dos seus antepassados com o respeito que elles lhe incutiram, que n'ella foi educado desde o berço, que aprendeu a cumprir desde a infancia e a exercer os actos de culto e piedade que a egreja ensina, com certeza não mudará de religião com a mesma facilidade com que muda de camisa.

Ha ahi quem tenha a fantasia de dizer que o povo mudará depressa de religião pela mesma razão com que muda de feição politica e que a questão está em acabar com os padres e com as egrejas.

Nós não somos decididamente um carola e nem mesmo um clerical como soe dizer-se.

A maior parte dos domingos e dias santificados não vamos á missa, não porque antipathisemos com o religioso acto, mas porque uma falta de disposição nos torna indifferente, e para irmos á egreja sómente para ver os outros, preferimos lá não ir.

Em compensação extasiamo-nos quando vemos do alto d'um pulpito um padre respeitavel prégar a verdade evangelica que é a verdade de Deus ensinada ao povo pelo humilde Nazarêno, o suave Jesus da Gallilêa.

Commovemo-nos até ao intimo quando vêmos uma dessas demonstrações da fé catholica do nosso povo, uma procissão onde alli patenteia bem claramente a simplicidade do seu coração e a puresa da sua alma.

E quem tiver olhos de ver, quem quizer encarar as coisas pelo seu verdadeiro lado, quem fôr a uma egreja e vir o silencioso respeito com que o nosso povo assiste ao incruento sacrificio da missa, o cuidado e interesse com que elle executa as varias prescripções do rito e a voz cheia de piedade e uncção com que elle resa as orações finaes; quem na quaresma frequentar as egrejas e vir como todo o povo de todas as classes e de todas as edades vae, cheio de crenças, aos pés de seu prior contar-lhe as suas faltas para com Deus e o proximo e depois volta com ares de satisfação como quem se libertou de pesado fardo e a seguir se ajoelha humilde e sereno para receber a Communhão, esse sacramento a que elle chama o Pão da Vida Eterna: quem, passando pela aldeia, vir que á porta d'um casal se encontra esmolando um andrajoso mendigo e que a dona ou creada lhe traz uma fatia de pão ou outra qualquer esmolla e lhe diz com voz onde resplandece a caridade em toda a sua pureza; tome lá irmãosinho pelas almas do purgatorio, ou pela alma do snr fulano; quem, passando alguns dias n'uma casa aldeã e com a familia conviva, vir a devoção com que essa familia dá «graças a Deus» após as refeições e resa o «terço» ou a «corôa» todas as noites antes de se deitar; quem, passando pelo povoado, vir o respeito com que todos os aldeãos, aos toques do meio dia e avé-marias, se descobrem, respeitosamente e rezam em vóz baixa as suas orações após as quaes se benzem; quem tenha presenciado a educação puramente religiosa que o nosso povo ministra aos filhos; quem tenha visto a ceremonia tocante duma primeira communhão; quem finalmente tenha observado algumas dessas mil manifestações do culto catholico, a devoção d'uma procissão, do cumprimento d'uma «promessa», d'um enterro, etc. etc., ha-de concordar comnosco: — que muito embora possam desterrar os padres e incendiar as egrejas, não conseguem, ainda que muito lhes pese, exterminar no espirito do povo o fervoroso culto da religião catholica.

E se pretendessemos ligar a infelicidade da Republica á existencia do catholicismo em Portugal, tambem seriamos forçados a reconhecer que, n'esse caso, a Republica só muito tarde seria feliz, pois, a despeito das guerras e perseguições que contra ella se movem, não será facil dar-lhe um abalo de valor nas cinco gerações proximas vindouras.

Querer-mos comparar a politica com a religião do nosso povo é não querer rendermo-nos ante a evidencia, pois ella nos mostra d'um modo bem cathegorico e inilludivel que o nosso povo não tem crença politica indo votar pelo sr. Fulano ou pelo snr. Cicrano, ou porque aquelle seja o senhorio, ou porque a este deva algum favor de grande monta mas no tocante a crença religiosa não se move a pedidos ou insinuações de ninguem, tendo só a norteal-o os impulsos do seu coração e os dictames da sua consciencia, atreitos desde o berço a adorar o Deus dos seus avós.

Nós temos parafusado, temos perdido tempo sem conta a ver se conseguimos descobrir a causa da perseguição accintosa que se tem feito á egreja catholica e aos seus pastores e adeptos, e bem assim a vantagem que d'essa perseguição possa resultar para a Republica.

Temos encarado a questão por todos os lados que se nos affiguram viaveis, temos formulado variadas hypotheses, temos feito diversos estudos, e de todas as nossas tentativas nada tem resultado que nos demonstre utilidade.

Pelo contrario temos apurado que em qualquer dos casos a Republica é prejudicada.

Não somos só nós que o dizemos. Dizem-no pessoas altamente auctorisadas e insuspeitas.

O jornal do ex-ministro do interior, snr. Antonio José d'Almeida, «A Republica» de 4 do corrente, terminava um bem elaborado artigo de fundo com estas palavras:

> **E lembremo-nos sempre de que todos os movimentos de caracter religioso, como o que actualmente se está manifestando, alastram tanto mais quanto maiores são as perseguições e as violencias com que se pretende dominal-os.**
>
> **Paiz alquebrado, não podemos supportar convulsões repetidas. Interroguemos a nossa consciencia. E mais vale confessar os erros... A nação portugueza não é Lisboa. Se esta linda cidade nos bastou para fazermos a Revolução, nós precisamos do paiz inteiro para fazermos a Republica. E' a cooperação do paiz que nós pedimos—com a nossa politica de attracção, que temos defendido e continuaremos defendendo.**

Vemos por estas palavras que o illustre paladino da Revolução e da Republica distingue esta d'aquella e se considera a primeira gloriosamente feita, outro tanto não diz quanto á segunda para a qual diz ser precisa a cooperação do paiz inteiro.

E como quer a Republica conseguir a cooperação do paiz se este,

na sua enorme maior parte catholico, se vê perseguido e aggravado n'aquillo que tem de mais santo, mais sagrado e mais respeitavel—a sua crença?

Com certeza que, se a Republica precisa do appoio do paiz, não pode contar com elle emquanto não se dispuzer a reprimir com inergia os desacatos e abusos que por ahi fora se vem comettendo em egrejas, circulos catholicos, e outras casas de caracter religioso, a não ser que os que tão condemnaveis actos praticam e consentem imaginem que a Republica sómente existe para uma redusida parte da população do paiz, e que esta, usando do «posso, quero e mando», pode dispor a seu belprazer do que é dos catholicos.

Se assim procedem porque de tal forma pensam, se em vez d'uma Republica amplamente liberal e justiceira querem uma republica sectaria e facciosa de perseguições e de torpezas, favorecem não ha duvida as suas ambições e os seus caprichos, mas mais afundam esta desgraçada Patria no mar de lama de que ainda não conseguiu erguer-se.

A chamada lei da separação foi uma passada em falso do ex-ministro da Justiça, que ha de ficar memoravel na historia do Governo Provisorio da Republica.

O ex-ministro conseguiu com a sua lei mais uns centos de contos de reis para o thesouro, mas em compensação, e compensação muito desfavoravel, provocou a desunião da familia portugueza, do que resultou ficar a maior parte dessa familia a olhar a Republica com assustadora desconfiança.

E nem outra coisa era de esperar visto que em seguida á publicação da lei as perseguições á egreja e aos catholicos que até então já eram em grande numero, redobraram de intensidade.

Nós não vemos que incompatibilidade possa haver entre a Republica e o catholicismo.

Pelo contrario vemos que a Republica teria muito a lucrar com a cooperação d'elle que é numeroso, muito numeroso mesmo em Portugal, e para a obter bastaria que, sem abdicar dos seus principios neutraes em materia religiosa, lhe desse a liberdade que não recuson ás outras religiões e o deixasse com os seus cultos e as suas manifestações de fé, dando á egreja o que é da egreja e ao thesouro o que só de direito lhe pertence.

Por ventura um crente catholico que está prompto a defender a sua religião, não terá a mesma grandeza d'alma para empunhar uma espingarda em defeza da Republica desde que esta reclame o seu concurso?

Com certeza que sim e portanto é mister não os afugentar porque podem em campo opposto ser-nos muito prejudiciaes.

Reflita no caso quem tem o dever de reflectir e trate de remediar o mal.

As palavras de «A Republica» que deixamos transcriptas, devem ser meditadas e ponderadas quanto antes.

Chronica

Ao festejar-se o primeiro anniversario da gloriosa data em que um grupo de devotados patriotas, disposto a morrêr pela santa aspiração do seu sangue, conseguiu impornos á admiração do mundo com o seu brilhante feito da Rotunda, ao recordarmos com satisfação e alegria o extraordinario arrojo desses valentes portuguêzes a quem o odioso jugo da tirania apertava com horrôr esmagando a liberdade e a consciencia, nós vos saudamos lusitanos illustres com toda a fé de verdadeiros democratas, com todo o ardôr de sinceros republicanos, com toda a nossa alma devotada e crente na prosperidade do vosso inaudito esforço que vae resultar para a nossa querida Patria.

Nós vos saudamos pois com todo o nosso enthusiasmo.

*

Festejou-se solemnemente o dia 5 de outubro em Guimarães e se não appareceram muitas bandeiras e muitas luminarias tremulando e brilhando em varias direcções, o que nem sempre representa uma inquebrantavel vontade de agrado a qualquer manifestação, se nem todos os republicanos de Guimarães puderam ou quiseram juntar-se aos briosos militares do 20 que tão dignamente se apresentaram com a sua marcha luminosa, festa de maior de mais brilho, de mais extraordinaria commemoração fizeram os vimaranenses pelos seus representantes do municipio—a distribuição aos pobres, aos indigentes, aos desgraçados, que a miseria arrasta por esses bèccos sem ar e sem luz, de um bom jantar em generos, que apagou muita lagrima e muita fome, muita tristesa e muita dor.

Para mim, é este de todos o mais solemne numero das festas que teve entre nós a data gloriosa de 5 de outubro de 1910.

*

Aos seus promotores, á camara e ainda ao amigo Lopes de Carvalho, sempre a mesma alma generosa e boa a favor dos desprotejidos da fortuna, que pelo centro republicano auxiliou com toda a sua energia e intelligencia, uma obra tão grandiosa e tão sublime --a caridade— a todos os que contribuiram para o feliz resultado obtido, com os meus applausos, com os meus agradecimentos, com o meu coração, parabens pela inclusão nas festas republicanas do jantar aos infelizes que da caridade vivem.

Assim ha-de a republica impor-se por todos os titulos.

Na grande altura em que se encontra collocada, do extraordinario e gigantesco pedestal em que assenta, vê o pobre, vê o humilde vê o rôto e beija-o na face ainda que leproso fecha-lhe na mão de quando em vez um obulo que é para elle um dia de alegria e de esperança sem o horrôr da fome que o vai matando lentamente.

Romano

O principio do Internato

Annunciou se para o dia 16 do corrente a abertura do Internato Municipal adjuncto ao Lyceu Nacional d'esta cidade.

A inscripção estava e está muito frouxa mas, não obstante, a commissão administrativa da Camara fez annunciar que, ao contrario do que se dizia, o Internato funccionaria com qualquer numero de alumnos.

Pois, não obstante tambem esta declaração, o certo é que no dia 16 apresentaram-se os alumnos inscriptos para entrarem para o internato e encontraram, nem mais nem menos, a porta fechada.

Não estava nomeado ainda o pessoal interno nem nada estava preparado para receber os alumnos.

Para salvar a situação de momento, correu presuroso um vereador a Vizella a arranjar uma cosinheira e emquanto que esta não chegou foi-se buscar comida aos hoteis para os alumnos.

Nem lenha havia para cosinhar.

O nosso presado collega «Alvorada» parecia querer deitar a culpa ao indigitado director rev. P. Hermano pelo facto de elle ter acceitado a direcção do Internato e a recusar á ultima hora.

Não acreditamos que o Snr. P.e Hermano, um homem illustrado e intelligente commettesse tal infantilidade e porisso aguardamos a sua defeza que não se pode fazer esperar.

O partido republicano de Guimarães

Alguns elementos para a sua historia

E' uma secção que creamos no nosso modesto semanario, que não será permanente em virtude dos nossos muitissimos affazeres, mas para aqui traremos com a assiduidade que o pouco tempo vago de que dispomos nos permitta, os apontamentos que formos colhendo, sem ordem de datas.

Nesta secção limitar-nos-hemos á copia ou descripção dos factos, apenas com as anotações que julgarmos indispensaveis para completa illucidação dos historiographos.

Principiaremos pelos factos occorridos

No tempo da monarchia

O jornal «Alvorada» no seu primeiro numero com data de 1 de junho de 1907 publicava o seguinte artigo:

Bohemia Jornalistica

Ha uma luta feroz que torna o homem cobarde, luta ignorada e sempre viva entre os seus ideais e as suas commodidades. Eternamente o homem é a mentira do homem, o mesmo caracter se oppõe no dia que vai correndo aos dias que passaram. O espirito procura illustrar-se o homem fornece-lhe, receoso, as banalidades que o attrophiam; a intelligencia dita-lhe o procedimento audaz e o homem agacha se a todas as escravidões que lhe matam a fome, o coração vibra no enthusiasmo do affecto, o sentimento commove-se com as desgraças e as miserias alheias, e o homem calcula os seus gestos de amor e pisa, indifferente, todas as almas, cujo sacrificio se torne necessario para a victoria do seu orgulho. No intimo, o homem aspira a ser justo, o homom é um revoltado —e esse homem, todavia, especula com a injustiça e vende os seus ideais por um bom logar. Aquella vontade que arrojadamente pensava em dedicar-se á luta pelo bem; aquella phantasia que sonhava modestamente com uma pequenina casa e offerecia o seu trabalho pelos outros homens, aquella mocidade energica e viril—é um administrador do concelho, é um deputado, espera a sua vez de ministro. Por que? Porque tem fome? Será. Mas o que elle deseja é evitar o maior trabalho. Elle foge á luta consciente. O que elle tem é orgulho. E bem farto elle troça dos utopistas...—Charada estupida que resolve o problema do estomago pela suffocação da intelligencia!

Eduardo d'Almeida

E logo a seguir publicava o mesmo jornal em typo mais saliente:

O Ex.mo Snr. Dr. Eduardo d'Almeida (a quem pertence a edeia da fundação deste semanario republicano) diz-nos ás 2 horas da tarde de sexta-feira que não pode assumir a direcção politica d'este jornal porque se retira d'esta cidade.

Sua Ex.a nos manda dizer tambem, que se despedirá por officio da Commissão Municipal Republicana, eleita em 26 do mez findo, ou seja, ha 5 dias.

Ora, como promettemos ao publico que o jornal sahia hoje, eis o jornal.

NOTA: O Snr. Dr. Eduardo d'Almeida foi nomeado administrador do Concelho de Guimarães em seguida á implantação da Republica e é actualmente deputado da Nação.

A «Alvorada que apenas se publicou até ao seu 4.º numero, em nenhum d'elles dá a noticia da retirada d esta cidade do Snr. Dr. Eduardo d' Almeida e percorrendo todos os jornaes da terra desde 1 de junho até 30 de setembro (não estivemos para procurar mais), em nenhum delles encontramos tal noticia.

Tudo são asperesas

Outra coisa nos tem causado uma impressão enorme de desgosto e repulsão. E' a maneira como se tem consentido que os presos, ao serem conduzidos pela via publica, sejam alvo de quantos ultrages a turba inconsciente lhes queira dirigir, inclusivamente cuspindo-lhes, dando-lhes bengaladas, batendo lhes e insultando-os.

Maltratar gente presa que tanto pode ter culpa como estar innocente, é um dos mais repugnantes crimes que se podem conceber. Por seu lado, quem tal pratica dá a nota de que não está mais civilisado que os indigenas da cafraria. Pelo lado da authoridade, esta faz crer de que não liga a menor importancia ao democratico e santo principio de que *ninguem deve fazer aos outros o que não quer que lhe façam*. Porque se assim não fôra havia conduzido os presos em condicções de lhes garantir a defeza. Oxalá não tornemos a observar a repetição do que já temos observado.

E' do nosso estimavel collega "A Voz do Povo,, jornal socialista do Porto o que fica transcripto.

Já tivemos occasião de presenciar dois desses actos selvagens que nos fazem esquecer de que vivemos em Portugal e nos fazem lembrar das inhospitas margens do Texas.

A' vista do que se tem praticado com os presos—consentir que a canalha, porque só a canalha é capaz de taes proesas, bata nos presos a despeito de irem escoltados com a força publica, lhes escarrem e atirem lama—, não admira que nos vejamos tratados sem ceremonia pela imprensa estrangeira que tem entre nós os seus representantes os quaes não passam a vida a dormir.

E não admira menos que isso leve os estrangeiros a fantaziarem as coisas a seu modo, como, por exemplo, vão ver do que em seguida transcrevemos da «Correspondencia de Espanha» de 18 do corrente,

Diz ella:

«Pessoa imparcial e séria, chegada a Madrid procedente de Lisboa, traz impressões pouco optimistas sobre a situação do paiz visinho.

Mais que ao movimento monarchico da fronteira e do norte de Portugal, dá importancia o viajante á politica interior lusitana que atravessa um periodo de summa gravidade. Fallamos com essa pessoa e como não é politica e ás suas revelações se referem successos a sem o menor commentario nem a mais leve som-

bra de parcialidade parece nos opportuno recolher algumas d'ellas.

«A annunciada suspensão de garantias, nos disse elle, produziu em Lisboa verdadeira inquietação, pois se hoje se fazem as coisas que se estão fazendo, com a suspensão de garantias, que não é para garantir a ordem mas para se desfazerem dos adversarios, a vida será impossivel.

O procedimento que se quer seguir com os detidos sob pretexto de os entregar ás auctoridades judiciaes, é um procedimento sumarissimamente civil.

As familias dos presos que passam dois e tres mezes nas prisões em absoluta incommunicabilidade e dos quaes não é possivel saber-se se existem ou não, tem enviado ao Governo numerosas petições pedindo clemencia.

Em muitas d'essas petições as familias promettem abandonar o territorio portuguez e embarcar para a America logo que lhe ponham em liberdade os seus parentes.

São muitas as pessoas que teem vendido os seus bens precipitadamente e em condições verdadeiramente lamentaveis para seguirem para o Brazil e outras Republicas americanas.

Muitas outras que não são monarchicas nem republicanas, mas que veem em perigo a paz publica e a ordem social teem tentado recorrer ás legações estrangeiras para pedirem uma intervenção das potencias até que a situação se aclare e se consolide.

Inteirado o Governo de taes propositos, ordenou que se praticassem numerosas prisões, considerando os detidos como auctores de um delicto de sedição.

Affonso Costa que tendo cabalmente demonstrado a difficuldade das circunstancias quiz ganhar popularidade combatendo as medidas do Governo, não logrou o seu intento porque a gente desconfia de tudo.

A situação é muito difficil e não haverá nada de particular se, sem necessidade de levantamento monarchico, occorrer alguma coisa de definitivo.

A guarnição de Lisboa está sendo substituida.»

THEODORICO F. DOS SANTOS

No supplemento ao n.º 6 do nosso semanario tivemos a honra de inserir a affectuosa despedida deste prestimoso cidadão e devotado republicano ao povo vimaranense, e este deve por sua vez corresponder a tão delicada gentileza e tamanha prova de consideração com poucos precedentes no nosso paiz.

Esperamos, pois, que todos os vimaranenses sem distincção assignem a mensagem de despedida publicada no nosso ultimo numero que para esse fim lhes vae ser apresentada.

Já contamos muitas assignaturas mas esperamos muitissimas mais.

A JUSTIÇA

Vende-se avulso na typographia onde é impresso este jornal.

Quando principiamos a ser republicanos haviam varios vultos no partido que nos mereciam grande confiança e habituamo-nos a consideral-os como verdadeiros chefes, taes eram acclamados unanimemente pela hoste em que nos filiamos.

Um homem, porem, mais nos prendeu a attenção, grangeando a nossa dedicação, o nosso affecto e a nossa estima que nasceram muito naturalmente em nós, e ainda hoje não sabemos explicar porque um particular presentimento para elle nos attrahia.

Nesse tempo nem sequer se sonhava na implantação da Republica.

Trabalhava-se, não ha duvida, com todo o affinco para a emancipação do povo portuguez, para derrubar essa velharia podre que para ahi vegetava com o nome de monarchia, mas ninguem podia suppor que a realisação d'esse Ideal sublime viria a ser tão rapido.

Ninguem acreditava que fosse tão facil arrear os velhos preconceitos para em cima das suas ruinas erigir a gigantesca obra de redempção nacional—a Republica Portugueza.

Comquanto alimentassemos a esperança de vermos um dia nosso sonho transformado em realidade, viviamos na incerteza de quando nos seria dado lograr essa suprema felicidade, e conforme iamos vivendo n'essa incerteza, mais nos attrahia esse homem com a sua palavra patriotica e fluente e com os seus actos de verdadeiro e sincero democrata.

Outros havia que o partido consagrava, mas, não sabemos porque, só aquelle prendia a nossa attenção e tanto, que chegamos a convencer-nos de que algo de mysterioso se operava em nós.

Assim vivemos até que nos foi dado chegar á conclusão do facto extraordinario que comnosco se dava.

Surgiu altivo e sereno o dia 4 de outubro de 1910 saudado pelo sibilar da fusilaria e pelo troar do canhão que em breve haviam de transformar o podre burgo portuguez n'uma nacionalidade de alto valor.

Milhares de peitos ardentes percorriam as ruas de Lisboa entoando *hossanas* á liberdade que só de nome conheciamos, brados que echoavam pelo paiz inteiro que do melhor grado e com a maior satisfação aguardava os acontecimentos.

Ao cimo da rotunda um punhado de heroes punha a vida em jogo emquanto que outros disseminados por varios pontos se empenhavam em lucta porfiada para transformarem o sonho que ha muito os animava em realidade palpavel e immorredoura.

Raiou emfim o dia 6!

Fez-se a Republica?

Mas . . . passaram-se semanas e só então podemos comprehender qual era a força que nos attrahia para o glorioso republicano Antonio José d'Almeida.

É que o nosso coração dizia-nos que elle encarnava em si a Democracia pura que sempre amamos, que sempre estremecemos.

E foi porisso que nós ao vermos formar-se um bloco para combater a oppressão tyranica que queria estabelecer-se em plena Republica, rejubilamos de contentamento por vermos que haviam homens profundamente liberaes e que entre elles se encontrava o nosso preferido.

Hoje que os jornaes nos trazem a noticia da manifestação hostil que espiritos dubios fizeram em Lisboa a tão digno republicano, não podemos deixar de prestar-lhe a nossa sincera homenagem e comella vae um vehemente protesto contra tão baixo procedimento.

. . . sempre vimos desprestigiar heroes para elevar ambições.

A heroicidade de Antonio José d'Almeida foi vista durante a batalha ao clarão da artilheria e á luz do sol vivificante.

A do seu antogonista morreu a um canto do coupé 44.

Viva o dr. Antonio José d'Almeida!

ANTIGA HOSPEDARIA PINHEIRO

SUCCESSRO

JOAQUIM HENRIQUE NUNES

GUIMARÃSE

Esta antiga hospedaria acaba de passar por importantes melhoramentos o que a torna mui commoda e confortavel. È dirigida com todo o escrupulo, tem um pessoal competentemente habilitado e encontra-se com todo o aceio e limpeza.

Pede-se a visita do publico ásnossas uccursaes para examinar os bordados em todos os estylos : matiz renda, abertos, mexicanos e romanos, bordados venezianos, et c., executados com a machina

DOMESTICA BOBINE CENTRAL

a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue custura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Peça-se novos catalogos com grandes reducções de preços que se dão gratis

Mais um triumpho !

Entre todos os expositores de machinas para coser na EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BRUXELLAS, de 1910, foi a OCMPANHIA SINGER a unica que obteve o mais alto premio.

GRANDE PRIX

E' mais uma victoria, junto a tantas outras, que as excellentes e bem construidas MACHINAS DE COSTURA SINGER tem alcançado em todas as exposições

Companhia Fabril Sigenr

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Concessionario em Portugal

ADOCK & C.ª

SUCCURSAES

BRAGA

69, L. do Barão de S. Martinho, 71

GUIMARÃES

Avenida Candido dos Reis

MINERVA — TYPOGRAPHIA GUISE

RUA DE SANTO ANTONIO

GUIMARÃES

Impressão de circulares, facturas, memoranduns, enveloppes, participações de casamento e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, repartições publicas e juntas de parochia; rotu os para pharmacia; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.

Impressões a côres, e cartões de visita em todos os formatos e diversas qualidades.

PREÇOS MODICOS

CREAM OF WEHAT

FARINHA ALIMENTICIA

á Venda na Mercearia Traz de S. Paio

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento complecto para creanças, psesoas debilitadas e isdoas, fteia com o melhor leite da Suissa.

Merceara Traz de S. Paio—GUIMARAES

NOVA VIAÇÃO DE GUIMARÃES

—DE—

Manoel Lopes

Guimarães

PREÇOS LIMITADOS E SEM COMPETENCIA

Alquilaria—Largo da Senhora da Guia. Escriptorio: Em casa dos snrs. Manoel Joaquim da Cunha & Menezes, rua de Payo Galvão- GUIMARÃES

A Justiça

Condições d'assignatura

Portugal, Africa e Brazil: Anno 1200 semestre 600 reis; trimestre 300 reis; avulso, reis (Pagamento adeantado. P. ra fora a r sce estampilha)

Preço das publicações

Annuncios e communicados, por linha ..... 40 reis
Repetições, por linha ... 20 „
Permanentes, contracto especial.

Ao Cidadão